

A RECONQUISTA DO ESPAÇO RURAL

Ilusões, Confusões, Realidades, Concepções

Gerhard Zabel – Engenheiro Agrónomo, PhD (gdf@gdf.pt)

Quinta da Figueirinha, 8300-028 SILVES

INTRODUÇÃO

No passado ano de 2006 verificou-se pela primeira vez na história da humanidade o facto de que mais do que a metade das pessoas vivem nas cidades. Nos anos 50 eram só 30%, em vinte anos serão mais do que 60%. Tendo em conta esta tendência, não é uma ilusão falar sobre a Reconquista do Espaço Rural?

A migração de pessoas do campo para a cidade tem razões bem evidentes, apesar dos grandes perigos para a cultura tradicional em geral e os indivíduos em especial. Nas grandes cidades as pessoas perdem a orientação, as raízes, a proximidade da natureza. Nos fins-de-semana podemos observar regularmente um grande êxodo para o campo, uma fuga em massa, de maneira que as pessoas procuram um equilíbrio no Espaço Rural, que as grandes cidades não podem oferecer.

Observando a realidade, encontramos um mundo muito desequilibrado e confuso entre cidade e campo, ao mesmo tempo que noutras escalas temos “espaços sem núcleos” – nem campo nem cidade, o que conduz a uma situação que nos impõe mais perguntas do que respostas. É verdade que **as cidades precisam do Espaço Rural como refúgio**, o que as obriga a manter este Espaço vital, forte e bem reestruturado.

MEGALOPOLIS – ORDENAMENTO TERRITORIAL - TRÁFEGO

A nível mundial não existem só por si cidades e campos mas muitas mais categorias, que variam de forma não idêntica de estado para estado. São as seguintes:

As Megacidades – Megalopolis com 5 – 20 Milhões de habitantes, por ex.

Mexico-City (18), Lagos/Nigéria (14), Shanghai, Mumbai, São Paulo, Manila, Istanbul (6-16) com grande potencial de bairros desfavorecidos, berços permanentes de criminalidade.

As Grandes Cidades clássicas com 1-5 Milhões de habitantes, por ex.

Londres, Moscovo, Paris, Berlim, Madrid, muitas vezes com „Ghettos“ para os pobres, cidades-satélites e *slums* (*Suburbia*) e, por outro lado, os “Condomínios” para os ricos, uma segregação duvidosa, procurando não ser directamente confrontada com os resultados da economia em vigor. Os Condomínios representam uma sociedade fechada e não uma sociedade aberta.

As „**Second Cities**“ com 500.000 – 1.000.000 habitantes por ex.

Amsterdão, Barcelona, Dublin, Hamburgo, São Francisco, Tallin.

Nestas cidades, nem sempre nas capitais, podemos encontrar uma classe muito criativa, a que pode ser caracterizada **pela tecnologia, pelo talento e pela tolerância**, dividida em 3 categorias:

Os Inovadores racionais: engenheiros, cientistas na área das ciências naturais e informáticos

O Centro criativo: gestão, publicidade, design

Os Artistas: músicos, actores, pintores

As pequenas Grandes Cidades com 100.000 – 500.000 hab. e, por fim...

Áreas Metropolitanas com médias e pequenas cidades incl. aldeias.

Como no Algarve, estas áreas tomam em conta e responsabilizam-se pelo desenvolvimento do Espaço Rural. Aqui também se encontra uma vasta actividade e potencial para a nova classe criativa.

Tráfego Melhores vias de mobilidade como Autoestradas, Vias rápidas e

Comboios de alta velocidade diminuem o tempo gasto para ultrapassar as distâncias, mas o tráfego individual não produz só uma liberdade de movimento, mas também entupimentos diários nas nossas ruas. Uma pessoa, que viva na periferia e trabalhe no centro de uma cidade, com uma distância média entre a habitação e o lugar de trabalho de só 1 hora, gasta durante a vida laboral de 40 anos pelo menos 16.000 horas na deslocação e produz como automobilista cerca de 268 toneladas de CO₂, o que nos permite a pergunta: será que nós utilizamos correctamente o progresso técnico?

DESERTIFICAÇÃO RURAL – DESERTIFICAÇÃO HUMANA :

Pensando em Portugal Continental, coloca-se o problema da „fuga voluntária“ da população para a costa, favorecendo a transformação do “Portugal rectangular” num “Portugal em L”, onde se produz entre 85% e 95% do PIB nacional. E quais serão as razões de fuga para as cidades da costa? Podemos constatar que em todos os continentes existe uma “megatrend”, em que uma sociedade agrícola ou uma sociedade industrial se transforma numa sociedade de informação.

As Vantagens de uma cidade

Melhor acesso a formação superior e universitária

Melhores oportunidades de emprego, mais dinheiro, mais vencimentos e ordenados

Melhor acesso aos serviços médicos e administrativos

Melhor distração para os tempos livres, mais cultura, teatro, museus, etc.

Apesar das vantagens do Espaço Rural com habitações mais acessíveis, distâncias curtas, Qualidade de Vida tendo em conta a natureza, tranquilidade, identificação, os

prazeres de sol, ar puro, casinha com jardim, um sonho de uma vida idílica com valores tradicionais de vida e o “regresso à natureza”, faltam nas áreas de baixa densidade postos de trabalho, fecham-se já escolas, maternidades, postos de GNR, etc., etc., e outras infraestruturas. Sobretudo falta uma coisa: dinheiro, capital e reservas.

A Falta do capital do Espaço Rural, o que também se pode denominar “**a Migração do capital do campo para as cidades**” ou mais polémico a “**Exploração contínua do Espaço Rural**”, tem várias origens, entre as quais gosto de salientar só 2 exemplos:

O Atraso de pagamentos para produtos rurais e artesanais, em favor da cadeia comercial, produz anualmente prejuízos de mais de 3 mil milhões de Euros. Um atraso de 6 meses nos pagamentos dá origem, em termos financeiros, que a cada 17-18 anos haja uma perda total de uma colheita anual na agricultura, em função de juros em vigor.

A Inexistência de regras iguais de competitividade entre os sectores favorece as seguradoras, o sector bancário e desfavorece a produção.

O sector bancário está quase paralisado pelas regulamentos do Estado e não pode ou quer oferecer às PME condições iguais como nos outros países da Europa. Uma empresa em Portugal com um crédito de 1 Milhão de Euros paga em 10 anos cerca de 136.000 Euros a mais em juros do que, por exemplo, uma empresa na Alemanha.

A permanente falta de capital próprio não permite a criação de reservas financeiras, não favorece os investimentos privados e assim a criação de empresas e de emprego no Espaço Rural.

AS CONSEQUÊNCIAS: MUDANÇA SOCIAL PERMANENTE com CONTRADIÇÕES

Em relação à Economia, a nossa vida moderna consome demasiada energia e cria uma dependência crescente das fontes de energia importada, como petróleo e gás. A economia de subsistência, muitas vezes ridicularizada, foi substituída pela Sociedade de Consumo com fortes dependências na matéria-prima que é a alimentação: Portugal importa hoje 90% do trigo e 50% do milho que consome.

O poder de compra em Lisboa, favorecida como capital, é mais alto do que nas outras cidades. A sociedade moderna prefere investimentos a curto prazo com lucros rápidos; investimentos a longo prazo, como árvores ou crianças, perdem terreno.

As PME, agricultores e artesãos ficam mais e mais desfavorecidos; grandes empresas, sobretudo as internacionais, os “Global Players”, têm um poder económico enorme: o valor de volume de negócios dos grandes ultrapassa muitas vezes o PIB de pequenas e médias nações. Pessoas sem emprego próprio são impiedosamente sujeitas às regras do mercado. Polemicamente dito: os Internacionais ganham lucro, os Estados e a Sociedade pagam os custos sociais.

Em relação à Sociedade e às questões sociais, podemos observar a lenta perda da cultura camponesa e da tradição, um afastamento do indivíduo de si próprio, menos responsabilidade pessoal e mais dependência ou indiferença. Já ouvi falar que não faltam ELITES – só que não se interessam pelo país. A lenta perda do sentido da vida conduz directamente a um consumo maior de drogas. As pessoas querem voluntariamente viver no inferno? A afeição de dinheiro, de divertimento, a publicidade para seduzir os consumidores a comprar produtos que não precisam – e demasiado informação inútil! As famílias e matrimónios em regresso, o crescimento dos “Singles”, tudo isso conduz a uma multiplicação das tarefas sociais do Estado e no mesmo tempo ao aumento de contribuições fiscais.

Nas áreas de baixa densidade os custos per capita para escolas e hospitais são maiores, muitas aldeias morrem por falta de perspectivas para os jovens e falta de capital para investimentos. No outro lado – e com muito dinheiro de fora – podemos observar novas RURALIDADES com fortes investidores nem sempre filantrópicos. Agricultores, artesãos, PME são desfavorecidos, mas as grandes cadeias multinacionais podem atingir altos níveis de rentabilidade, acumular um poder igual ou superior aos pequenos Estados, sem devidamente tomar em conta a responsabilidade social.

Em relação ao Ambiente, o afastamento da terra faz as pessoas esquecer a observação dos ciclos naturais, o progresso técnico sem reflexão conduz a grandes problemas ambientais, monoculturas, aumento de tráfego individual e colectivo e uma perda da biodiversidade. Entre outras, a desertificação humana também é uma causa importante dos grandes incêndios florestais.

Nas actuais condições, uma verdadeira RECONQUISTA do Espaço Rural parece pouco viável, mas podemos também concluir que **um Espaço Rural forte é uma necessidade para aliviar e compensar os efeitos intoleráveis das grandes cidades.**

COMO RECONQUISTAR A AGRICULTURA E O ESPAÇO RURAL ?

Uma revitalização da Agricultura depende fortemente de pessoas bem qualificadas e motivadas pelo respeito das tradições. Tradição não é a adoração das cinzas, mas a manutenção do fogo. A agricultura desenvolve-se em várias linhas, entre elas:

A Especialização com unidades agrícolas do tipo empresarial, com alto nível de tecnologia, com culturas intensivas e um marketing bem organizado; também unidades agrícolas com culturas extensivas, tendendo a manter a biodiversidade nas grandes áreas. A micro-agricultura de subsistência de tipo familiar perde mais terreno.

A Diversificação ou Pluriactividade com unidades agrícolas pequenas e médias, com agricultura, mas também transformação de produtos, agroturismo, visitas guiadas e outras actividades. A Quinta do Freixo ou a Quinta da Figueirinha representam este tipo de empresa familiar com forte diversificação. Importantes pressupostos para actividades no âmbito desta categoria são também infraestruturas internas como a

electrificação, faxe, e-mail, Internet e infraestruturas externas como autoestradas e, no caso do Algarve, o aeroporto de Faro e a ponte do Guadiana.

Novas oportunidades de emprego fora e dentro das empresas agrícolas estão ligadas à reabilitação, “wellness”, beleza (“beauty-farms”), acções de reintegração social, programas especiais atraentes para pessoas de terceira idade, também estrangeiros e reformados. As nossas sociedades envelhecem e isto significa também a necessidade de prestar serviços especiais.

A nova época da sociedade de informação abre novos caminhos para mais qualidade de vida. É necessário que toda a gente viaje diariamente para os centros das grandes cidades? A Internet é cada vez mais acessível no campo, utilizável para muitas actividades de escritório, até agora concentrado nas „Cities“. A classe média e alta dispõem de meios para casas de campo ou apartamentos secundários. **É vital, para o desenvolvimento do Espaço Rural, criar um ambiente atractivo para personalidades da “classe criativa”**, sobretudo artistas (músicos, actores, pintores). Na Alemanha existe Worpswede, uma aldeia famosa de artistas perto de Bremen. Podemos citar muitos bons exemplos de “regresso à natureza” em toda a Europa.

Se politicamente a descentralização for desejada, o fomento de pequenas e médias cidades no interior é fundamental. Muitos serviços administrativos do Estado e das empresas, da indústria e do comércio não têm de concentrar-se nos centros ou arredores das grandes cidades; eles poderiam ser incorporados nas zonas de baixa densidade e fomentar assim o desenvolvimento rural.

CONCLUSÕES

Sejamos optimistas! Cidades e Espaços Rurais são os dois lados da mesma medalha. O futuro pode ser formado. A globalização continua em passos dinâmicos, sendo ilusório lutar contra esta tendência. Utilizamos a globalização para o bem-estar das pessoas, também no campo, baseando-nos nos 3 eixos:

Crescimento económico (tarefa calculável)

- Produzir mais-valias
- Qualidade de vida pelo trabalho bem remunerado
- Dignificação do trabalho

Equilíbrio social (tarefa não calculável)

- Exemplo de sociedade humana
- Justiça, Clemência, Paciência
- Equilíbrio entre Família e Profissão

Estabilidade ecológica (tarefa ainda não percebida)

- A natureza como modelo
- Equilíbrio entre natureza e tecnologia
- Utilização de ecossistemas e fomento da regeneração deles.

RECOMENDAÇÕES

A Reconquista do Espaço Rural é muito complexa e precisa de se ligar às raízes históricas. Ela é necessária, mas não só ligada ao desenvolvimento da agricultura, mas às diversas actividades e entidades, entre as quais quero destacar o fomento de pequenas e médias cidades nas regiões de baixa densidade.

Existem bases legais, mas na prática a prova de propriedade do solo (cadastró) e a mobilidade de terreno põem grandes e morosos problemas para o desenvolvimento.

Faltam condições para criar reservas financeiras no campo, por isso o Poder deve reestabelecer um equilíbrio de competitividade entre os sectores da produção e dos serviços financeiros, também através da liberalização do sistema bancário (bancos são parceiros e não inimigos), do fomento das PME criando condições do mercado iguais aos privilégios das empresas grandes e internacionais.

Realizar uma Política de Ordenamento a longo prazo, pela descentralização das grandes cidades, deslocação de administrações e empresas para as zonas de baixa densidade e fomentar assim o desenvolvimento rural.

Fomentar e incentivar as ELITES, as cabeças mais lúcidas, de pensar e planear acções de Reconquista do Espaço Rural, baseado nos Serviços, Recriação e Conservação (Biodiversidade). O pressuposto desta acção é uma nova cultura social e humanística, baseada na boa educação geral e formação de personalidades. Criar condições para fixar jovens, **incentivar visões e motivar a vontade de mudança, o pensamento criativo e empresarial**, incluindo a disposição de correr riscos e de planear e trabalhar em passos pequenos para o futuro do Espaço Rural.